



DIAS MELHORES, VERÃO

curadoria Érika Nascimento e Ricardo Kimaid

EDU MONTEIRO
GABRIELLA MARINHO
GUY VELOSO
HAL WILDSON
JAN KALÁB
MARCELA GONTIJO
MARCELO MONTEIRO
MARCOS ROBERTO
MATEU VELASCO
PEDRO CARNEIRO
TINHO
XICO CHAVES

movimento

Dias Melhores, Verão

“Dias Melhores, Verão” apresenta um rito de passagem e mudança de estação, que traz boas-vindas para o ano que se aproxima. Uma exposição que simboliza o frescor e as fricções ao se projetar um desejo por dias melhores. Para encerrar 2022 e comemorar o primeiro ano da galeria no bairro da Gávea, reunimos artistas convidados, como Gabriella Marinho, Guy Veloso e Marcelo Monteiro, ao lado dos artistas representados, Edu Monteiro, Hal Wildson, Jan Kaláb, Marcela Gontijo, Marcos Roberto, Pedro Carneiro, Tinho e Xico Chaves.

Nesse ritmo de travessia, passamos debaixo de “Atol”, instalação de Gabriella Marinho, composta por diversos objetos de cerâmica feitos à mão pela artista, com pequenas peças de vidro, que aludem às ilhas oceânicas. Suspensas por uma rede, podemos ver a imensidão do céu pelas frestas dessa trama. Nesse encantamento advindo do céu e do mar, adentramos no ambiente de cores vibrantes, com obras que remontam a memória da infância, a intensidade do calor, a diáspora, a rua, o carnaval, a paisagem, o corpo e a relação do desejo, tanto por mudanças como por uma crítica ao consumo.

Para celebrar esse momento, trazemos a representação da guerreira Iansã, orixá dos ventos, das tempestades e da intensidade, através da fotografia de Guy Veloso, onde o artista retratou a comissão de frente no “Ritual do entardecer” durante o desfile de 2019 da escola de samba da Portela. Afinal, como falar de verão sem trazer a maior festa popular do Rio de Janeiro? Ao seu lado a pintura “Oloxá, Rainha, Janaína, Iemanjá”, de Pedro Carneiro, segurando flores brancas ao fundo de um rosa vibrante, uma ode à cura, sorte e proteção.

Ao longo da exposição, temos uma cartografia de fotografia da série “Paisagem Vertical” (2022) do artista Edu Monteiro que vem acompanhando os desgastes e transformações das paisagens verticais do sul do país, e a série “Memória e Infância”, do artista Hal Wildson, que resgata a importância da sobrevivência dos rios, especificamente, o Araguaia, que banha os estados de Goiás, Mato Grosso, Tocantins e Pará. Em destaque, a complexidade da classe trabalhadora pintada por Marcos Roberto na série “Tampando o sol com a peneira”, onde utiliza uma rude peneira, objeto comum na construção civil que permite passar a areia pela trama de aço, para pintar um trabalhador carregando um carrinho de bebidas - essa classe trabalhadora, em sua maioria sem condições mínimas trabalhistas, estão presentes no cotidiano das praias do Rio de Janeiro.

As cores e as formas são elementos fundamentais nessa exposição, como na intensidade da cor e seu diálogo no espaço presentes nas pinturas de Jan Kaláb e nos bordados de Mateu Velasco, na materialidade e textura da escultura de Marcelo Monteiro, e no gestual e oracular da pintura “Mutações” de Marcela Gontijo, que traz linhas verticais e horizontais resultantes de um sistema criado pela artista através do I Ching.

Como de costume, ao final de cada ciclo, recordamos acontecimentos e reflexões do decorrer do ano e lançamos os nossos desejos para a virada, onde almejamos enxergar o mundo de outra forma, com outra lente, como nos objetos de Xico Chaves, nos quais o artista apresenta um “Livro de Pedra” com um olho mágico e “Óculos cósmicos”. Diante disso, trazemos as nossas recordações...

Ao longo de 2022 foi criado no casarão centenário da galeria, um lugar voltado para fruição artística e experimentação de nossos artistas representados e convidados. Os artistas Mateu Velasco e Edu Monteiro foram convidados a ocuparem esse lugar ao longo das exposições coletivas “Das espumas querer salvar uma ruína” e “Riscos, brechas e ruínas” respectivamente, assim como nas individuais “Calor” de Jan Kaláb, “Re-Utopya” de Hal Wildson, “Cartas ao Afeto” de Pedro Carneiro e “Oráculo” de Marcela Gontijo. Para esta exposição convidamos o artista Tinho para ocupar esse espaço com sua série inédita “Marcas de Poder” que traz reflexões sobre o consumo e sua influência na sociedade.

“Dias Melhores, Verão” lança a expectativa de abrir caminhos e micro transformações para “esperançarmos” tempos melhores. Como na canção:

“A esperança equilibrista
sabe que o show de todo artista
tem que continuar”
(Aldir Blanc e João Bosco)

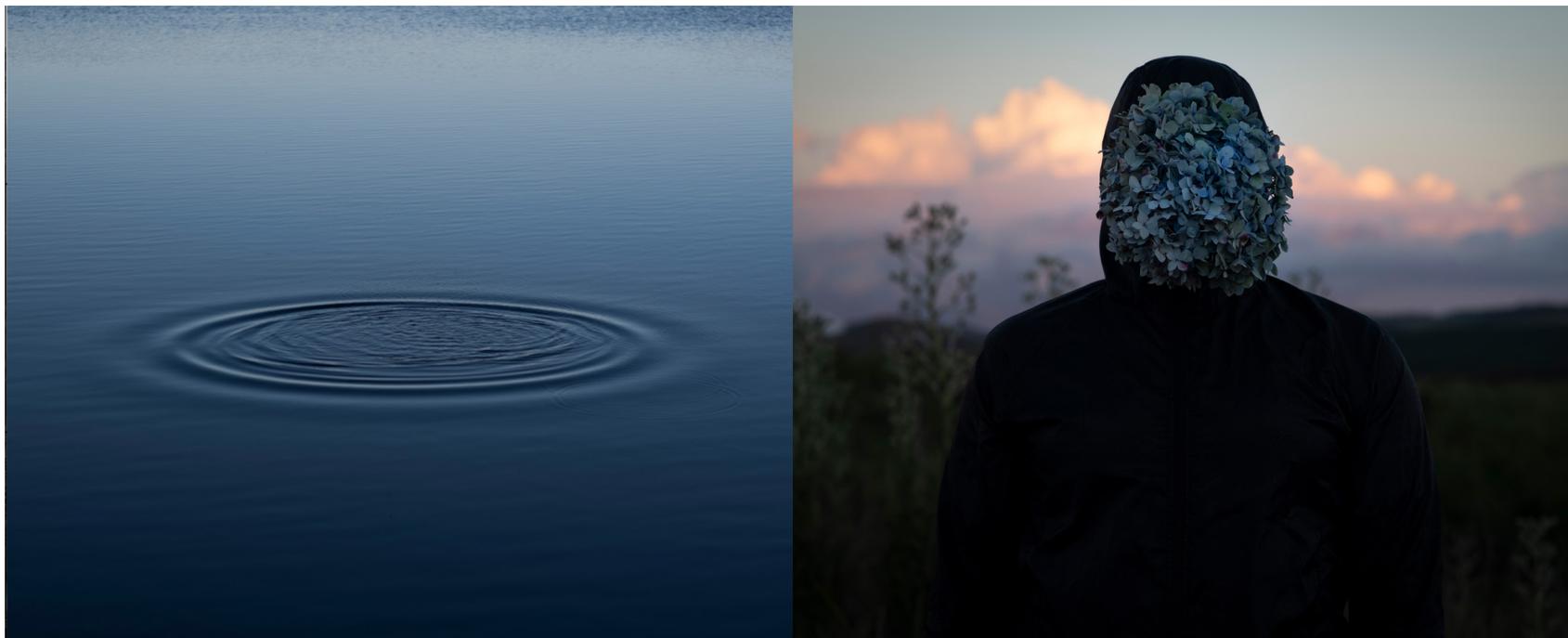
Érika Nascimento



Edu Monteiro

Porto Alegre - RS, 1972

Seu trabalho transita pela fotografia, performance, escultura e videoinstalação. Atravessamentos perceptíveis em algumas de suas obras, nas quais, Edu apresenta o universo mágico das danças de combate africanas e da diáspora. Interesse despertado pela prática da capoeira e solidificado em suas viagens de pesquisa para a África e o Caribe durante seu doutorado em artes pela UERJ. É da memória ancorada no corpo, do sobrevoo simbólico de suas buscas, da alteridade, da resistência, das vibrações emanadas no corpo, no verbo, no ritmo, na imagem e na matéria que nascem suas proposições artísticas. Foi contemplado com o primeiro lugar no XVI Prêmio Marc Ferrez de Fotografia, com a série Paisagem Vertical, que traz uma cartografia pessoal que subverte a representação comum do espaço e que vem acompanhando os desgastes e transformações das paisagens verticais do sul do Brasil.



Paisagem Vertical (série)

2022

impressão em papel algodão Hahnemühle PhotoRag Baryta 315g - montagem em moldura de aço em processo artesanal de oxidação

[print on cotton paper Hahnemühle PhotoRag Baryta 315g - assembly in steel frame in artisanal oxidation process]

60 x 150 x 11 cm [24 x 59 x 4 in]

7+ 2 PA



Guy Veloso
Belém - PA, 1969

De formação acadêmica em Direito, é fotógrafo desde 1988 com diversas publicações e mostras nacionais e internacionais. Participou da 29ª Bienal de São Paulo/2010 e da 4th Biennial of the Americas, Denver-Estados Unidos/2017. Foi curador-geral de fotografia contemporânea na 23ª Bienal Europalia, Bruxelas-Bélgica/2011. Seu livro "Penitentes – dos ritos de sangue à fascinação do fim do mundo" foi finalista em "melhor livro de arte do ano" e vencedor de "melhor capa" no Prêmio Jabuti 2020.



Portela. A Majestade do Samba
2019

impressão sobre papel algodão
[print on cotton paper]
75 x 110 cm [29.6 x 43.3 in]
5 + 2 PA



Gabriella Marinho

São Gonçalo - RJ, 1993

Artista plástica e Jornalista especializada em Literaturas Africanas pela UFRJ, Gabriella Marinho traz em seu processo criativo a relação da mulher negra enquanto corpo-potência. A artista reflete sua existência a partir do espaço, subjetividade e corporeidade, usando o barro como ponto de partida para tais experimentações. Seus trabalhos carregam cores e formas que fazem alusão a natureza e seus elementos primordiais traduzidos em linguagens como escultura, pintura, poesia, fotografia e audiovisual.



imagens ilustrativas da instalação no Solar dos Abacaxis em 2022
[illustrative images of the installation at Solar dos Abacaxis in 2022]

Atol
2022

instalação de cerâmica, vidro, sisal e rede de fibra de coco
[installation of ceramics, glass, sisal and coconut fiber netting]
dimensões variáveis [variable dimensions]



série: Cairus
2022

cerâmica, palha da costa e sisal
[ceramics, coastal straw and sisal]
dimensões variáveis [variable dimensions]



Hal Wildson

Aragaças - GO, 1991

Artista multimídia e poeta mestiço, nascido em 1991 no Vale do Araguaia, região de fronteira entre Goiás e Mato Grosso, Hal Wildson é conhecido pela pesquisa que envolve conceitos de escrita, identidade e a reconstrução de memórias coletivas e autobiográficas, atravessadas por questões sociais e políticas. A pesquisa sobre memória e esquecimento é a base de um trabalho que investiga a criação de territórios narrativos por meio de símbolos e documentos usados como ferramentas de construção e reconstrução no campo pessoal e coletivo.



Filho do Araguaia (das memórias do Rio)

série: Memória e Infância

2019 - 2022

datilografia e carimbo sobre papel algodão

[dactylography and stamp on cotton paper]

120 x 84 cm [47.2 x 33 in]

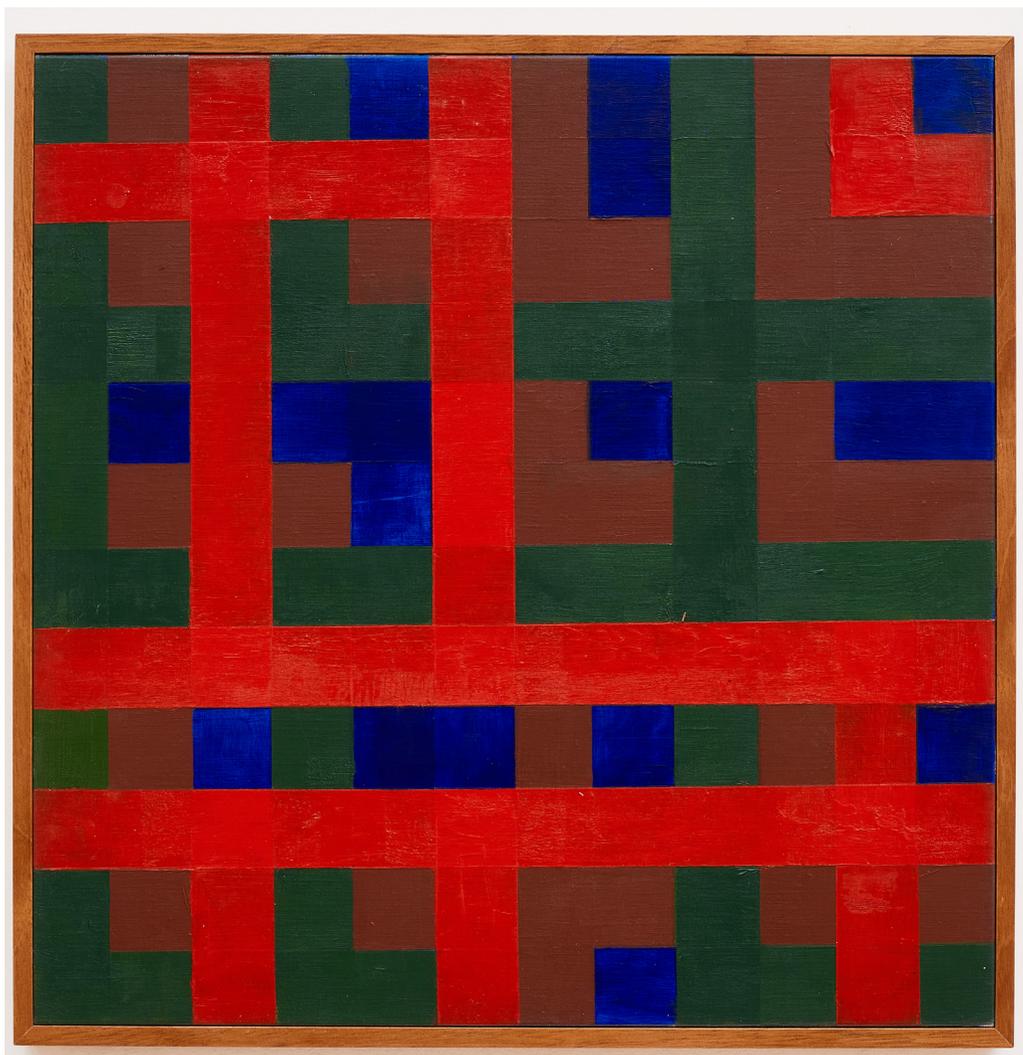
3 + 2 PA



Marcela Gontijo

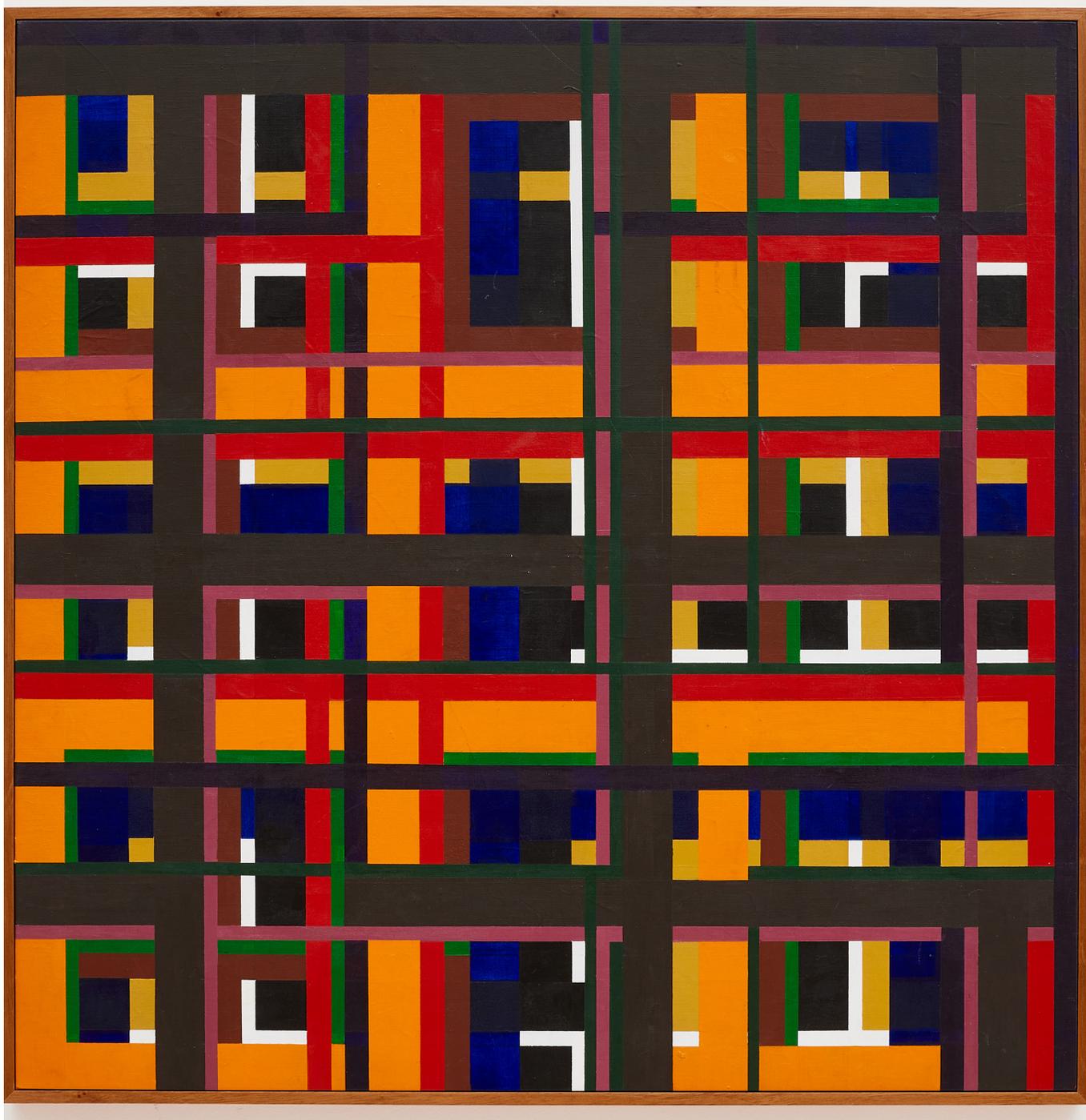
Belo Horizonte - MG, 1966

Nascida em 1966, em Belo Horizonte, Marcela Gontijo foi ainda criança para Brasília, onde se graduou em Artes Plásticas pela UnB. Seu trabalho transita entre pintura, fotografia, instalação e performance. Suas pinturas dialogam com o espaço urbano através de fragmentos fotográficos e da experimentação da colagem. Na busca por imagens, objetos, lugares e materiais, a artista desenvolve processos que instauram uma nova geometria. O espaço funciona como uma grade, uma estrutura rizomática, onde as linhas não têm começo nem fim, e cada ponto pode ser conectado com qualquer outro. Linhas de um desenho que ultrapassa o limite da pintura para ocupar o espaço.



Mutaçao 2
2022

acrilica sobre tela
[acrylic on canvas]
51 x 51 cm [20.1 x 20.1 in]



Mutaçao 2
2022

acrilica sobre tela
[acrylic on canvas]
86.5 x 86.5 cm [34.1 x 34.1 in]



Marcelo Monteiro
Maringá - PR, 1981

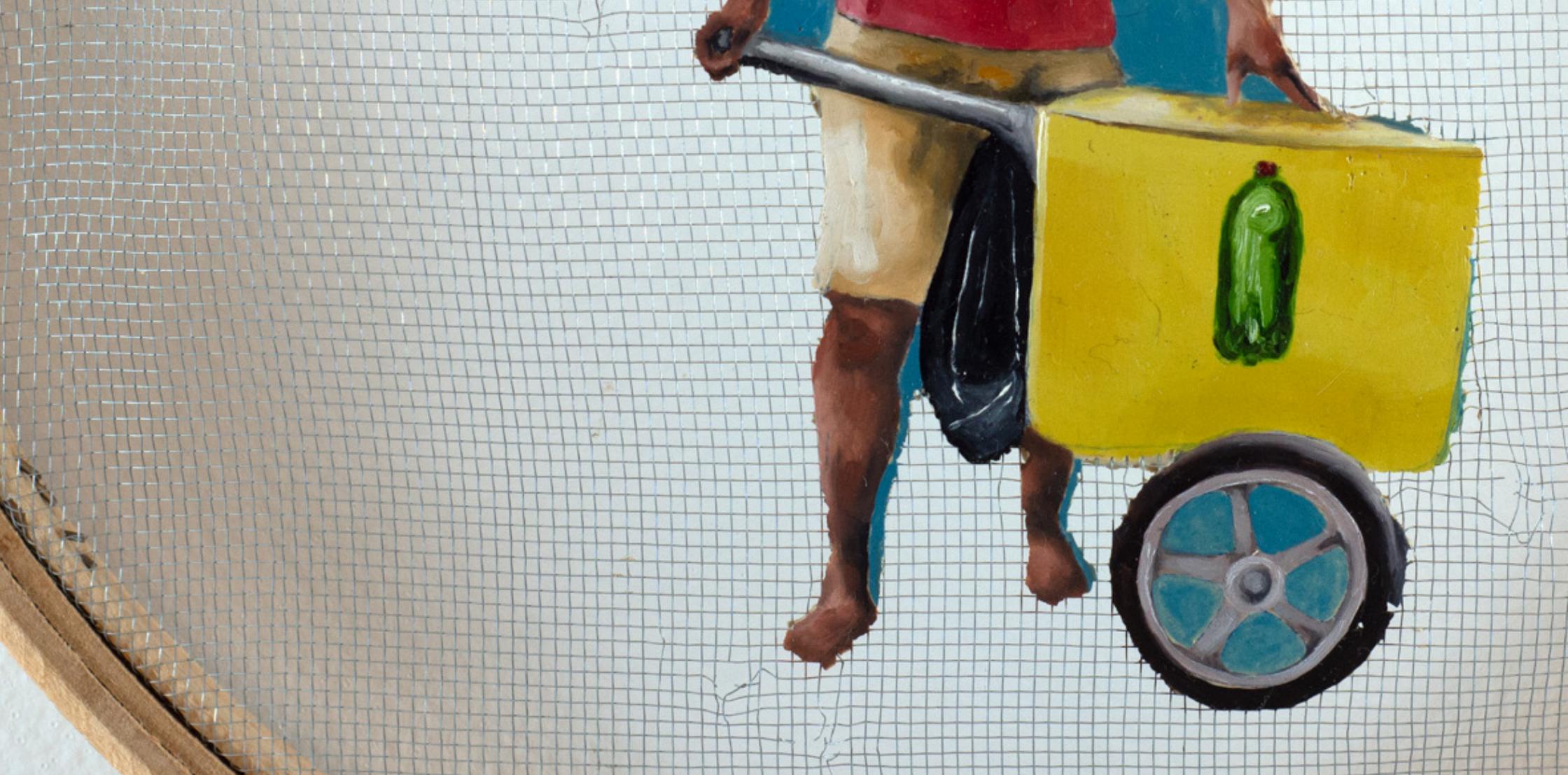
Artista plástico brasileiro. Sua pesquisa atual aborda as relações de poder no mundo do trabalho operário. Em suas obras, de madeira e aço, subverte as supostas funcionalidades de ferramentas e instrumentos manipulados em indústrias e fábricas ao tirar proveito de uma condição de ilusão provocada por sua ação direta nos materiais. Já participou de coletivas nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro e realizou individuais no Paraná e Rio de Janeiro, entre elas, a recente exposição "Dobras", com curadoria de Fernando Cocchiarale. Também é Licenciado em História e desde 2018 atua como professor auxiliar/monitor nos cursos de história e teoria da arte ministrados por Anna Bella Geiger e Fernando Cocchiarale na EAV/Parque Lage, Rio de Janeiro.



Sem Título
série: Sob Pressão
2021

madeira e metal
[wood and metal]

180 x 35 x 15 cm [70.8 x 14.2 x 5.9 in]



Marcos Roberto

Bauru - SP, 1989

Natural de Bauru - SP, 31 anos, Marcos Roberto mudou-se para a capital em 2013 para cursar artes visuais na Faculdade Paulista de Artes (FPA). Desde seu retorno para o interior paulista em 2017, vem utilizando como base para a elaboração de suas obras, materiais que são habitualmente descartados. Imerso no âmbito da reciclagem e valorizando os inúmeros recursos locais advindos da mesma, utiliza em suas obras o metal, papelão, madeira e concreto. Autodeclarado "artista, ativista e antirracista", tem em suas obras uma crítica política e social explícita. Sua arte incomoda, provoca e instiga, através da reflexão sobre as mazelas da sociedade e a procura pela visibilidade das minorias, como se reflete em sua mais recente série "Cotidiano", onde usa como matéria base e como alerta, as placas de sinalização de trânsito.



O sol, que estoura as veias, o suor que embaça os olhos e a razão
série: Tampando o Sol com a Peneira
2020

massa poliéster e óleo sobre peneira de madeira e metal
[weight polyester and oil on wood and metal sieve]
22 x 4 cm [11.88 x 1.6 in]



Mateu Velasco

Nova Iorque - USA, 1980

Mateu desenvolveu um estilo próprio de ilustração e grafite, que podem ser encontrados pelos muros e galerias do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Paris, Lisboa e EUA. Seu trabalho discute com um processo de democratização da arte, ao ir além dos limites formais e culturais, convertendo o espaço público em opção de espaço estético. A arte de Mateu revela uma realidade que vivemos e não percebemos, ativando nossa memória e sensibilidade através de sua poética crítica e conceitual. Repletos de referências do cotidiano urbano, seus grafites sinalizam uma insistente necessidade de humanização da cidade que capturam o espectador e o transporta para um mundo de superposições e signos gráficos recortados de elementos do mundo real com caráter lúdico. O resultado é uma colagem de pedaços de memórias que despertam nosso olhar, afirmando sua qualidade etérea.



1730
2022

acrílico sobre lona de algodão [acrylic on cotton canvas]
175 x 134 cm [68.89 x 52.75 in]



Anil
2022

bordado sobre tela de algodão [embroidery on cotton canvas]
134 x 107 cm [52.8 x 42.1 in]



Pedro Carneiro

Rio de Janeiro - RJ, 1988

Pedro Carneiro constrói sua produção pautado nas questões relativas à herança diaspórica afro-latina e a cultura pop. Através de pinturas, intervenções urbanas, instalações e desenhos, seus trabalhos refletem histórias reais e inventadas tendo como ponto de partida o reencontro com sua ancestralidade. Pedro Carneiro é mestrando em Arte e Cultura Contemporânea pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), realizou a residência Pesquisa em Artes 2021 do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, foi selecionado para a 13ª Bienal do Mercosul, através da Chamada Aberta para a exposição Transe. Participa da exposição "Carolina Maria de Jesus, um Brasil para os brasileiros" no Instituto Moreira Salles em São Paulo.



Oloxá, Rainha, Janaína, Iemanjá
2022

acrílico e óleo sobre tela [acrylic and oil on canvas]
150 x 130 cm [59 x 51.2 in]



Xico Chaves

Tiros, MG - 1948

Xico Chaves desenvolve seu trabalho pictórico através de séries temáticas e conceituais. A partir de diversas expedições ao Quadrilátero Ferrífero em Minas Gerais e outras regiões do Brasil, toda a pintura do artista, desde mais antigas, como as da série Luzz (1970), às mais recentes, como as da série Tramas XL (2018) é produzida com minerais, pigmentos naturais e resina acrílica, sendo essa a principal referência do artista no campo das artes visuais contemporâneas. A criação de objetos poéticos e espaciais está presente desde o início de sua pesquisa, desta forma, são intercalados as diversas séries pictóricas. Sua temática compreende três grandes eixos: vida, arte e política.

O interesse pela experimentação permanente de linguagens e meios técnicos para expressão artística tornou Xico Chaves reconhecido internacionalmente como artista múltiplo, possuindo em sua trajetória além de pinturas e objetos, performances, poemas-processo, vídeos-arte, fotografias e registros nos campos da poesia, música popular e experimental.



imagem ilustrativa [illustrative images]

Livro de Pedra/Olho Mágico
2008

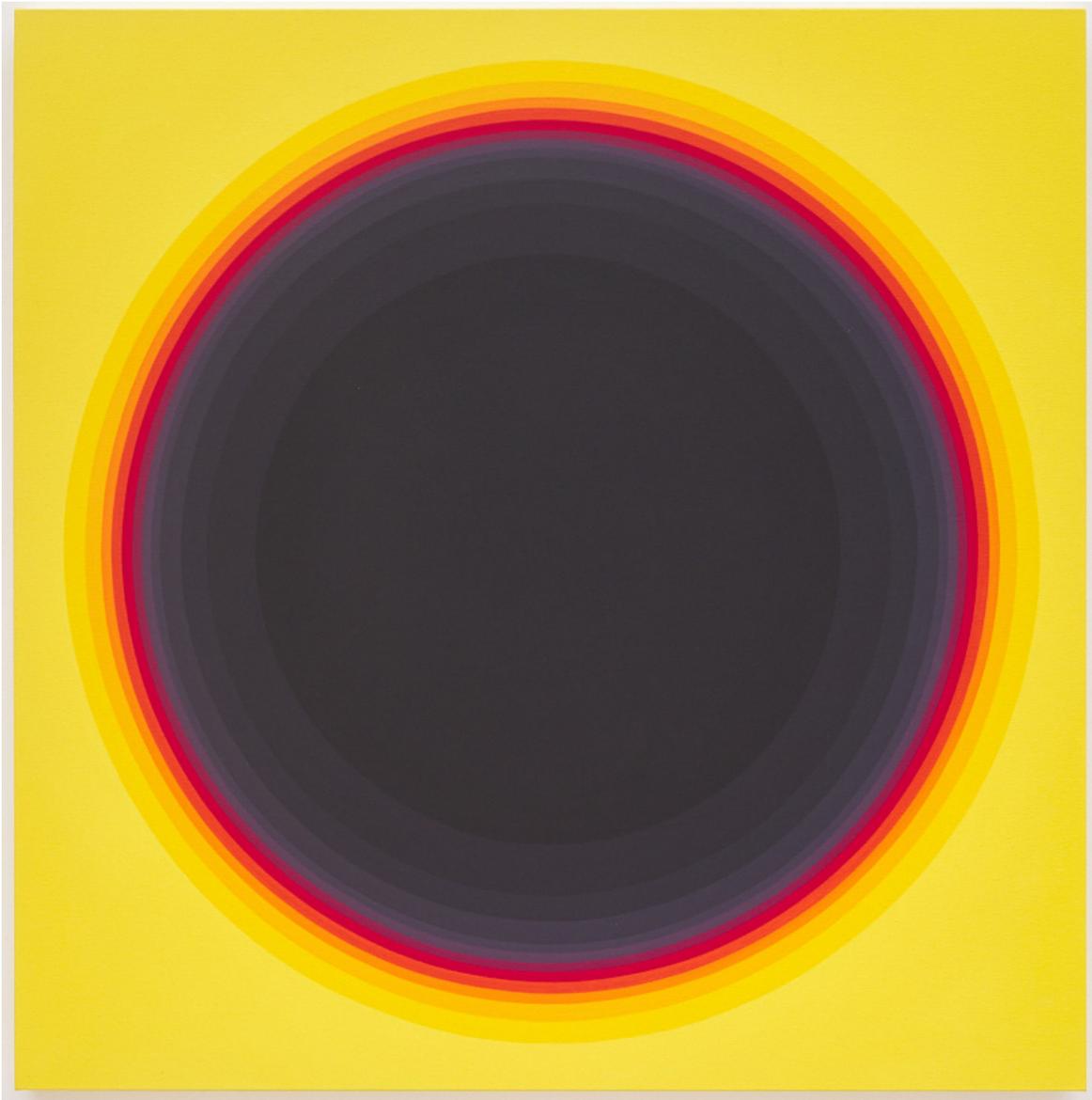
minerais sobre livro petrificado [minerals on petrified book]
21 x 16 x 5 cm [8.3 x 6.3 x 2 in]



Jan Kaláb

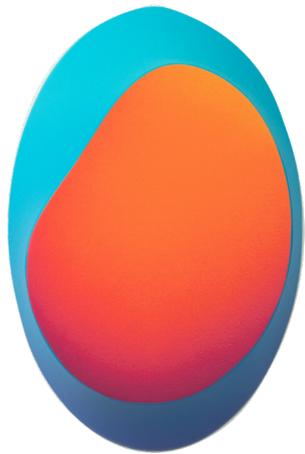
Praga - República Tcheca, 1978

Reconhecido nas principais capitais da arte no mundo, entre elas, Berlim, Nova Iorque e Londres, o artista tcheco Jan Kaláb é um dos precursores do graffiti em Praga. Também conhecido como "Cakes" ou "Point", Jan possui sua obra formalizada em pintura, escultura e intervenções urbanas. Faz uso de um obsessivo vocabulário geométrico alcançando em suas composições noções de profundidade e movimento. Extremamente detalhista, Jan constrói seus próprios chassis dando-lhes formas geométricas. A partir de um pincel e tinta acrílica cria abstrações com um jogo de tonalidades, sendo a precisão e domínio técnico grandes qualidades do artista. A sobreposição de formas circulares complementares e assimétricas é acompanhada por uma mescla entre cores quentes e frias, transmitindo aos trabalhos uma certa imperfeição.



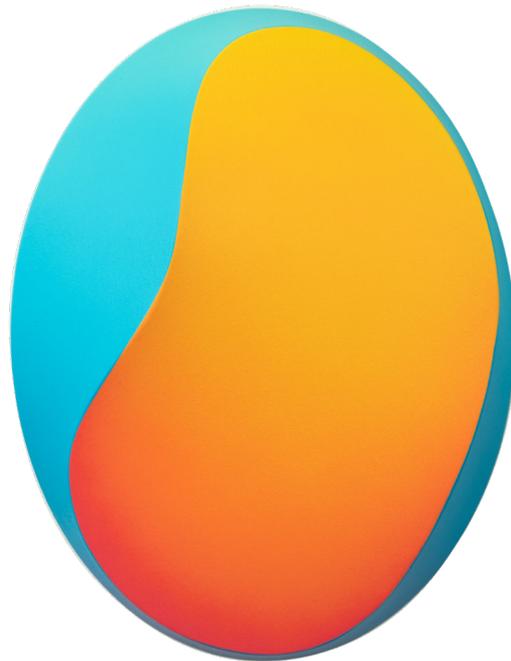
Black Rainbow
2022

acrílica sobre tela [acrylic on canvas]
110 x 110 cm [43.3 x 43.3 in]



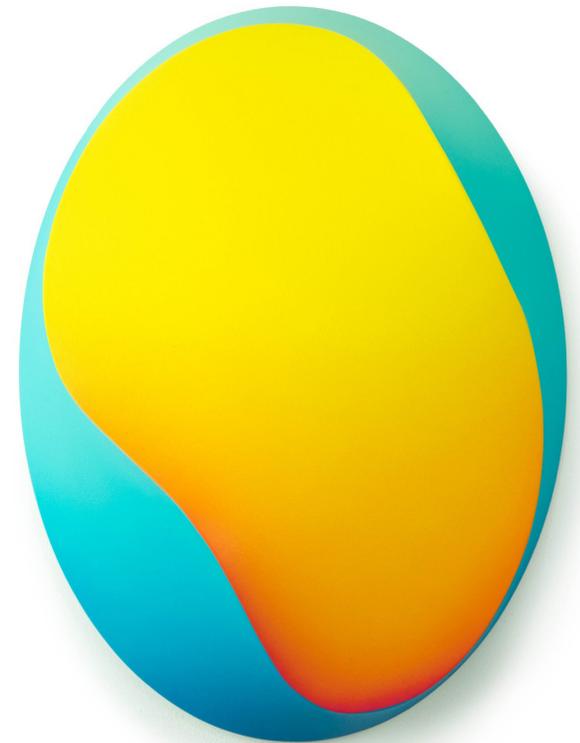
Sem título [*Untitled*]
2022

acrílica sobre tela [*acrylic on canvas*]
30 x 20 x 6 cm [11.8 x 7.8 x 2.3 in]



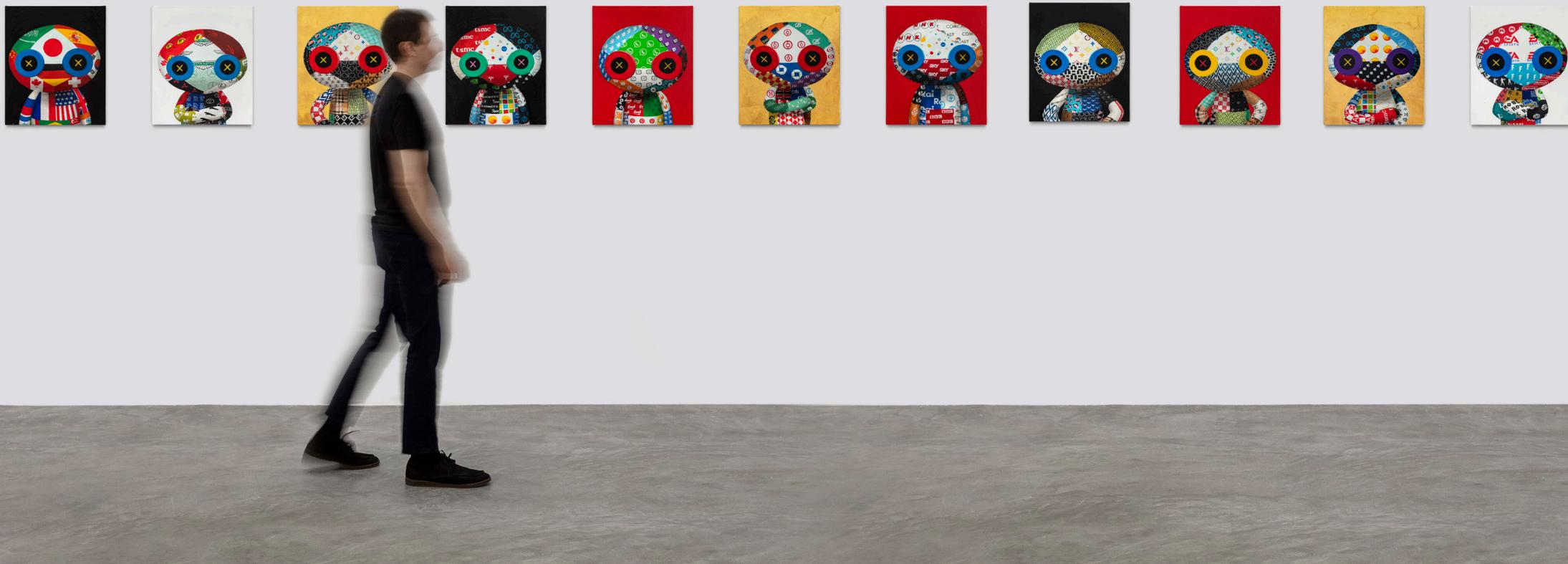
Sem título [*Untitled*]
2022

acrílica sobre tela [*acrylic on canvas*]
45 x 35 x 10 cm [17.7 x 13.7 x 3.9 in]



Sem título [*Untitled*]
2022

acrílica sobre tela [*acrylic on canvas*]
60 x 45 x 12 cm [23.6 x 17.7 x 4.7 in]



TINHO

São Paulo - SP, 1973

Tinho inicia sua carreira na década de 80 integrando uma geração de artistas conscientes em assumir a produção da arte urbana como estratégia poética de reconhecimento, não apenas da própria cidade, mas como linguagem, potente e equiparável as já tradicionais da história da arte. Sua produção, que assume toda importância para a cena contemporânea brasileira, se mostra, junto a outros talentos da época, como precursora. O artista, assim como muitos de sua geração, iniciam com o grafite, utilizando a própria cidade como suporte. Posteriormente passa a usar a pintura, base da sua formação acadêmica, com mais ênfase, seguida por fotografias e instalações que têm como elementos centrais os personagens que o acompanham desde cedo. Seu trabalho é contextualizado pelo lugar do homem no espaço urbano, atravessado pelo constante clima ácido e crítico de personagens que escondem, por trás da estética amena, a constante solidão.

Ocupação: Tinho - “Marcas de Poder”

Tinho é sansei (neto de japoneses) e um dos precursores da arte urbana no Brasil, sua experiência nas ruas e nas reflexões sobre o lugar de pertencimento em um contexto de fluxos migratórios, o fizeram pensar sobre a estética do consumo, os formatos e padrões estabelecidos. Em 1993, o artista começou a produção de bonecos, inicialmente inspirados nos títeres ou fantoches.

Ao transformar os retalhos dos bonecos, onde cada pedaço de tecido doado ou encontrado pelo artista em várias regiões ao redor do mundo, Tinho traz novas significâncias e vivências para seus personagens.

Ao longo dos anos, esses bonecos ganharam novos suportes, tamanhos e representação em telas. Paralelamente a essa produção, o artista vem pesquisando a transição entre a figuração e o abstrato para tentar dar conta do “ser nipo-brasileiro” (o Brasil é atualmente o país com o maior número de pessoas de origem japonesa vivendo fora do Japão). Para tal, o artista tem se interessado na história do vestuário na pintura, na construção social da moda e nas transformações de materiais, para trazer à tona temas como trocas simbólicas, marca, consumo, migração, globalização e “status” social e econômico. A exposição “Emulação” no CCSP realizada em 2022 pelo artista, trouxe alguns desses aspectos.

Suas produções mais recentes em pinturas da série “Marcas de Poder”, trazem, no lugar dos retalhos de tecido, as grandes marcas de luxo, como: Vogue, Louis Vuitton, Chanel e Dior e outras como Nike, EA Sports, Tiktok, Globo, BBC, Nintendo, Banco Itaú, Ifood, Dell, Apple, bandeiras de nações, para construção de seus bonecos.

Nesta série, Tinho coloca de forma onírica seus bonecos de pano como protagonistas, e, de forma direta e objetiva, insere logos das grandes marcas estampadas no corpo destes personagens, trazendo à tona questões sobre construção social, símbolo de identidade e pertencimento em determinados grupos e formas de expressão.

Podemos evocar vários pensamentos para tentar dar conta deste tema tão denso que Tinho propõe nesta série, desde abordagens do campo da psicologia, antropologia, sociologia e filosofia. Como nos recorda o sociólogo Pierre Bourdieu, ao definir “distinção”, como uma estratégia de diferenciação que está no âmago da vida social.

Assim, algumas questões são lançadas: o que faz um indivíduo optar por determinadas marcas? Teriam elas esse poder de distinção? Como o desejo pelo consumo dessas marcas penetram de forma individual e coletiva? Como no mundo midiático e globalizado as marcas são símbolos de identificação? E, quando determinados grupos, até então subalternizados, passam a consumir essas marcas? Tinho traz ainda a identificação com o outro - o “eu” refletido no outro - e questiona a própria identidade do SER.

Longe de conseguir responder a essas perguntas, mas sim lançar luzes sobre o assunto, Tinho aponta para uma espécie de “máquina de replicação de comportamento”, onde vemos indivíduos, muitas vezes, aderirem à marcas e modos de vida baseados em uma crença, quase uma “fé” na construção da identidade do produto de consumo, e mais, na distinção ou aceitação em determinados grupos. E é esta replicabilidade que pode ser observada nessa nova roupagem dos bonecos pintados pelo artista.

Érika Nascimento



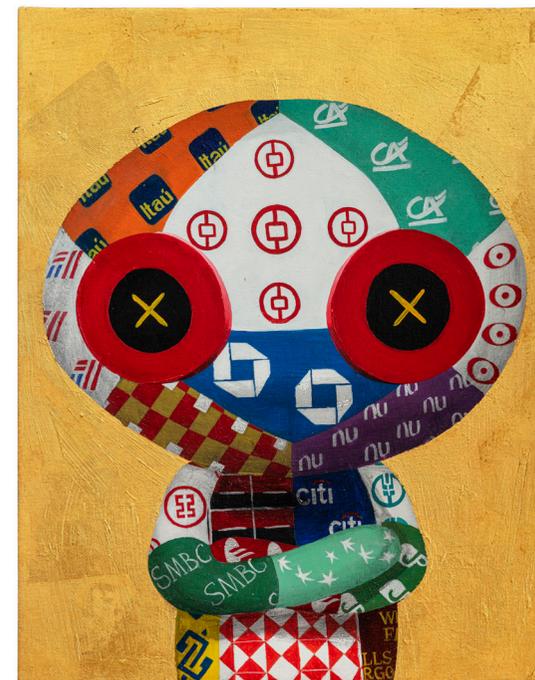
Moda 3
série: Marcas de Poder
2022

óleo sobre tela e folhas de ouro 24k [oil on canvas and 24k gold leaf]
50 x 40 cm [19.7 x 15.8 in]



Tecnologia 2
série: Marcas de Poder
2022

óleo sobre tela e folhas de ouro 24k [oil on canvas and 24k gold leaf]
50 x 40 cm [19.7 x 15.8 in]



Bancos
série: Marcas de Poder
2022

óleo sobre tela e folhas de ouro 24k [oil on canvas and 24k gold leaf]
50 x 40 cm [19.7 x 15.8 in]



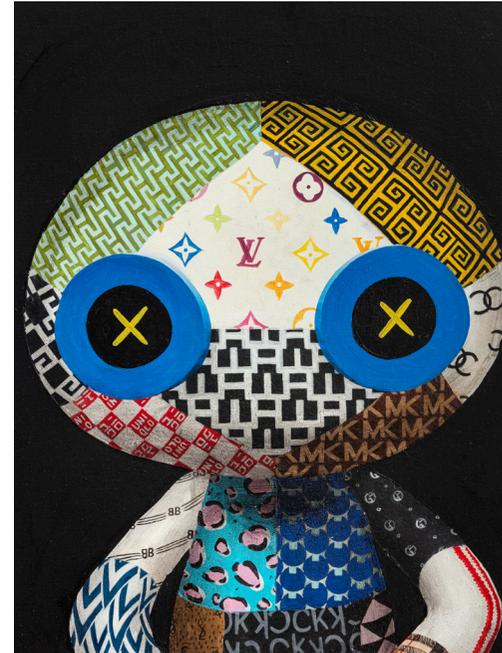
Tecnologia
série: Marcas de Poder
2022

óleo sobre tela [oil on canvas]
50 x 40 cm [19.7 x 15.8 in]



Países
série: Marcas de Poder
2022

óleo sobre tela [oil on canvas]
50 x 40 cm [19.7 x 15.8 in]



Moda 1
série: Marcas de Poder
2022

óleo sobre tela [oil on canvas]
50 x 40 cm [19.7 x 15.8 in]



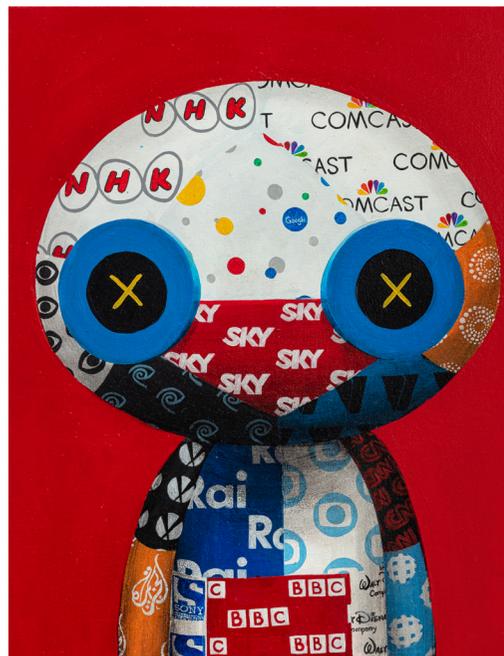
Jogos Eletrônicos
série: Marcas de Poder
2022

óleo sobre tela [oil on canvas]
50 x 40 cm [19.7 x 15.8 in]



Apps
série: Marcas de Poder
2022

óleo sobre tela [oil on canvas]
50 x 40 cm [19.7 x 15.8 in]



Comunicação
série: Marcas de Poder
2022

óleo sobre tela [oil on canvas]
50 x 40 cm [19.7 x 15.8 in]



Moda 2
série: Marcas de Poder
2022

óleo sobre tela [oil on canvas]
50 x 40 cm [19.7 x 15.8 in]



Carros e Motos
série: Marcas de Poder
2022

óleo sobre tela [oil on canvas]
50 x 40 cm [19.7 x 15.8 in]



[@galeriamovimento](https://www.instagram.com/galeriamovimento)

Rua dos Oitis, 15
Gávea - 22351-050
Telefone +55 21 3197-1331
Whatsapp +55 21 97114-3641
contato@galeriamovimento.com